

**FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)  
XIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO  
IX CICLO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO DE JORNALISMO  
MODALIDADE DE TRABALHO: Comunicação Científica  
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial - Eletrônicos**

***ARRETADAS – processo de criação***

**Valquíria Aparecida Passos Kneipp<sup>1</sup>**

valkneip@usp.br

**Resumo:** Este artigo apresenta a experiência vivida por discentes, docente e técnicos, durante o curso da disciplina *Projeto Experimental em Telejornalismo*, da graduação de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Unifor, no primeiro semestre de 2009. Durante o período ocorreu todo o processo de criação, produção e finalização de um programa jornalístico, de formato híbrido, contendo informação, debate e reportagens. A proposta foi exibida no Canal Universitário de Fortaleza, dentro da programação da TV Unifor. O trabalho teve como objetivo criar um espaço semanal, onde um grupo de mulheres pudesse debater, opinar e interpretar as questões propostas à cada edição, sempre com a presença da figura do mediador no controle dos conteúdos e das participações. O resultado foi o programa *Arretadas*, um misto de revista, entrevista e debate, onde três mulheres cearenses trataram de assuntos como aborto, “mulher fruta” e da opinião dos homens sobre a mulher contemporânea.

**Palavras-chave:** telejornalismo. TV. Debate. Revista. Entrevista.

---

<sup>1</sup> Jornalista formada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Eca/Usp. Professora universitária da Unifor em Fortaleza e da UFRN em Natal. Tem experiência em emissoras e produtoras de TV nas funções de editora de texto, editora chefe, produtora e coordenadora de produção, e em assessoria de comunicação e mídia training. É diretora acadêmica da Rede Alcar e editora assistente da revista PJ:Br.

## 1.O processo de concepção do programa

O programa de TV *Arretadas*<sup>2</sup> foi criado durante o curso da disciplina de *Projeto Experimental em Telejornalismo*, ministrada pela autora deste artigo, para o sexto semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Fortaleza – Unifor, durante o primeiro semestre de 2009. A referida disciplina faz parte do grupo das optativas, ou seja, os alunos não são obrigados a cursá-la, somente os que tiverem ligação ou algum interesse e curiosidade em produção de TV. Todos os alunos que cursam *Projeto Experimental em Telejornalismo* já cursaram *Telejornalismo I e II*, portanto já tem conhecimento prévio das rotinas produtivas de um telejornal. O objetivo da disciplina é dar outra amplitude ao conhecimento adquirido pelo discente, através do processo de criação de um programa, que não seja necessariamente um telejornal, mas que seja informativo.

O processo de criação do programa *Arretadas* não foi fácil nem estanque, pois estavam envolvidos 13 discentes, uma docente e 6 técnicos durante todas as etapas. Contemplar a vontade e o anseio de todas estas pessoas não foi muito simples. A criação de um grupo de estudo, como uma sub-área dentro da disciplina de *Projeto Experimental em TV* foi o primeiro passo para as definições necessárias da criação de um programa de TV. Alguns autores selecionados para o grupo foram ajudando a dar cara, cor e corpo ao programa. A primeira autora foi a professora Karla Pollake, que com seu artigo sobre *Como fazer um projeto de produção para TV* contribuiu com um modelo de projeto simples, rápido e prático, visto que não teríamos tanto tempo para nos dedicarmos ao mesmo. Da proposta de Pollake, foram seguidos todos os tópicos sugeridos, exceto o que diz respeito a Recursos Operacionais e Financeiros, pois os mesmos foram supridos pela universidade. Desta forma, o projeto do programa *Arretadas* ficou com os seguintes tópicos:

Nome do Projeto: *Arretadas*;

Realização: Aline Farias, Luana Rezende, Rafael Cartaxo, Carlos Renato Bezerra, Clara Dourado, Gabriela Carvalho, Gabryela Fiúza, Ingrid Freitas, Klebiana Ketty, Magdala Vaz Borja, Fabrícia Vieira, José Claudio Filho, Edilson

---

<sup>2</sup> O nome *Arretadas* surgiu a partir da necessidade de identificar regionalmente o programa, e foi uma escolha conjunta de todo como o grupo, como uma forma de valorizar positivamente o mesmo.

Pires, Everton Silva, João Luiz Galvão, José Moreira (Pastinha), José Valdevino Neto, Raimundo Nunes (Itamar) e Alexandra Lozano.

**Apresentação:** Programa piloto de informação e entretenimento, com pauta voltada para o público feminino, mas que gere interesse também para o público masculino, com cerca de 30 minutos de duração, com a proposta de periodicidade semanal. Inspirado no programa do canal GNT *Saia Justa*, mas com o foco para as questões nordestinas. O programa produzido contou com a participação da farmacêutica Maria da Penha, da jornalista e professora universitária Kalu Chaves e da produtora de moda Julie Gadelha. A mediação ficou a cargo da discente Aline Farias.

**Objetivos:** criar um espaço semanal para que um grupo de mulheres possa debater, opinar e interpretar as questões a serem levantadas a cada edição, sempre com a presença da figura do mediador no controle dos conteúdos.

**Formato:** o programa se divide em três blocos, sendo o primeiro com 8'35", o segundo com 9'25" e o terceiro com 8'32", totalizando 26'32". No primeiro bloco foi exibido um depoimento, para que as convidadas pudessem debater o tema proposto. No segundo bloco uma grande reportagem foi o foco do debate, e no terceiro bloco um "povo fala" norteou o debate entre as participantes. Havia uma mediadora que determinava e organizava as falas.

**Dias de Veiculação:** a sugestão é que o programa seja semanal, com exibição no sábado e uma reprise durante a semana

**Público Alvo:** homens e mulheres, com formação universitária, das classes A e B, com idade entre 18 e 45 anos.

**Justificativa:** um programa com estas características vem suprir uma lacuna dentro do espaço televisivo do Ceará, devido à falta de opções existentes na programação televisiva local, e com possibilidade de cobrir as questões regionais.

Outra contribuição de Pollake para o trabalho foi a divisão de todo o processo de realização do programa em três etapas: pré produção<sup>3</sup>, produção<sup>4</sup> e

---

<sup>3</sup> Fase em que são feitos os levantamentos gerais para a realização do programa começando por contratar um roteirista. Depois de pronto e aprovado o roteiro, decupá-lo e passar para a produção e direção. É ainda na pré produção que se determinam atores, apresentadores, equipe e equipamentos necessários, local de realização do programa, disponibilidade de todos os envolvidos, cachês, previsão de tempo de realização (POLLAKE, 2004, 42).

<sup>4</sup> É quando se estabelece a ação da realização de um programa. Cabe ao produtor marcar e conciliar horários dos ensaios, gravações, entrada da equipe, hora de almoço, descanso, levantamento e definição de locais, providenciar o transporte dos participantes e equipe,

pós produção<sup>5</sup>. Desta forma foi possível organizar os alunos em equipes e, dentro das mesmas, distribuir os participantes nas diversas funções.

Os estudos sobre telejornal nortearam a elaboração do programa porque os alunos estavam muito preocupados em criar um produto informativo, mas, como o próprio título da disciplina propõe, experimental. Nesse aspecto recorreremos a Machado, que define tecnicamente um telejornal como:

Um composto de uma mistura de distintas fontes de imagem e som: gravações em fita, filmes, material de arquivo, fotografia, gráficos, mapas, textos, além de locução, música e ruídos. Mas, acima de tudo e fundamentalmente, o telejornal consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente à câmera (posição stand-up), sejam elas jornalistas ou protagonistas: apresentadores, âncoras, correspondentes, repórteres, entrevistados, etc. (MACHADO; 2005 103).

Dentro da reflexão proposta por Machado para o telejornal, existe uma tendência de dois modelos possíveis de serem observados na televisão: o “tradicional” ou “convencional”, do tipo polifônico, e o “moderno” ou “pós-moderno” do tipo opinativo. Cada um deles possui suas vantagens e desvantagens, como uma espécie de faca de dois gumes, afirma Machado. Segundo ele, um telejornal opinativo

Pode ser teoricamente preferível, uma vez que pode exercer uma influência mais ativa junto à opinião pública e produzir uma mobilização real. Além disso, esse tipo de telejornal deixa entrever mais abertamente os seus compromissos, em lugar de esconder o seu ponto de vista sob a máscara da pretensa realidade (MACHADO; 2005 109).

Já o telejornal polifônico, de acordo com Machado, também apresenta vantagens e desvantagens, pois:

Pode ser acusado, não sem razão, de tentar mascarar o fato de que toda produção de linguagem emana de alguém, ou de um grupo, ou de uma empresa, portanto nunca é o resultado de um consenso coletivo, mas de uma postura “interessada” diante de fatos noticiados. No entanto, ao contrário do modelo anterior, ele não pode ser acusado de atentar contra a inteligência do espectador ou de pressupor qualquer incapacidade interpretativa por parte da audiência (MACHADO, 2005 109-110).

---

conseguir autorizações dos participantes e locais, providenciar as fitas, anotar o conteúdo das fitas gravadas, preparar material para edição (POLLAKE, 2004,42).

<sup>5</sup> Após o término das gravações, passa-se para a montagem do material, a edição. Ela requer, às vezes, alguns recursos como: computação gráfica, efeitos, trilha sonora, dublagem, locução e outros. Para isso, será necessário saber quais recursos o editor utilizará para que sejam contatados os profissionais e providenciados os equipamentos necessários.

O programa *Arretadas* buscou um meio termo entre a opinião própria, que cada debatedora pode demonstrar, e a informação, através das reportagens exibidas no programa.

Outra reflexão que se fez necessária foi a respeito da qualidade do telejornalismo, ou do que seria um conceito sobre isso. Antes de entrar propriamente no telejornalismo de qualidade, é importante, primeiro, entender, que ele está dentro de uma estrutura maior, que é a própria televisão. De acordo com Becker:

A televisão é aquela que se torna parte da conversação pública cotidiana, como uma referência de novos conhecimentos e percepções, já que audiovisual deve servir para conectar-se com as pessoas, criando uma relação enriquecedora com a vida cotidiana, expressa por produzir programas inovadores, universais, experimentais e ousados (BECKER; 2005 56).

A proposta de um conceito de qualidade para o telejornal surge, para Becker, de contribuições teóricas e da análise empírica a partir de alguns parâmetros estabelecidos na elaboração das pautas<sup>6</sup>, na apuração e na construção das notícias<sup>7</sup> e na edição das reportagens<sup>8</sup>. Ela conclui que:

Uma cobertura jornalística do Brasil e do Mundo representa pluralidade de interpretações e a diversidade de temas e atores sociais, quando imaginamos que existem novas elaborações e outros modos de construir sentidos sobre o mundo cotidiano na tela da TV, quando aprendemos a pensar com as imagens, e experimentamos como disse Machado (2001:18), novas poéticas audiovisuais, revestindo o habitual de novos estímulos e significados (BECKER; 2005 63).

---

<sup>6</sup> Estabelecer uma nova hierarquia de valores em sintonia com o interesse público, valorizando menos a agenda oficial, não temendo desmentidos, mantendo independência política e multiplicando as fontes (BECKER; 2005 63).

<sup>7</sup> Reinventar as maneiras de abordar os fatos sociais, cruzando informações e dados, criando relações entre aspectos locais, nacionais e globais nos relatos para promover a cidadania, abrindo regularmente espaço para as vozes de diferentes personagens e buscando enquadramentos e pontos de vista diferenciáveis movimentos de câmera e planos singulares e inusitados, na captação de imagens (BECKER; 2005 63).

<sup>8</sup> Explorar melhor a relação texto-imagem marca essencial do audiovisual, produzindo novos olhares sobre a realidade social. A imagem no telejornal tem maior poder de descrição dos acontecimentos, mas qualificação sempre cabe ao texto verbal. O casamento entre texto e imagem é quase sempre articulado para não imprimir qualquer dúvida quanto à veracidade do acontecimento e do noticiário, busca criar o efeito do real. Mas, é possível experimentar modos diferentes de contar histórias do cotidiano, mais interessantes e curiosas, valorizando a estética e o conteúdo, usando novas tecnologias com criatividade, sabedoria e discernimento (BECKER; 2005 63).

Com base neste conceito, surgiu a necessidade de se criar um programa televisivo, que, ao mesmo tempo, informe e consiga também levar os telespectadores a uma reflexão sobre os temas abordados.

Toda essa reflexão levou o grupo a questionar o que seriam as categorias e os gêneros dos programas televisivos, diante do formato que estávamos idealizando. Para dar conta desta dimensão, recorremos a Aronchi (2004), que em sua pesquisa identificou cinco categorias de programas na televisão brasileira: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. Dentro destas cinco categorias, segundo ele, ainda estão inclusos alguns gêneros conforme a tabela abaixo:

CATEGORIA	GÊNERO
Entretenimento	Auditório, Colunismo social, desenho animado, Docudrama, Esportivo, Filme, <i>Game Show</i> (competição), Humorismo, Infantil, Interativo, Musical, Novela, <i>Quiz show</i> (perguntas e respostas) <i>Reality show</i> (TV-realidade), Revista, Série brasileira, <i>Sitcom</i> (comédia de situações), <i>Talk show</i> , Teledramaturgia (ficção), Variedades, Western (faroeste)
Informação	Debate, Documentário, Entrevista, Telejornal
Educação	Educativo, Instrutivo
Publicidade	Chamada, Filme comercial, Político, Sorteio, Telecompras
Outros	Especial, Eventos, Religioso

(ARONCHI; 2004, 92)

Diante desta realidade foi possível considerar que o programa *Arretadas* pode ser enquadrado como uma categoria híbrida, pois contém debate, entrevista e revista, ou seja, mistura gêneros de duas categorias distintas: entretenimento e informação.

## 2. O passo a passo da realização do programa

Depois de determinarmos o formato e já termos uma idéia do conteúdo que buscávamos, foi o momento de dividir os discentes em funções, como

produtor<sup>9</sup>, editor<sup>10</sup>, repórter<sup>11</sup> e apresentador<sup>12</sup>. O processo foi democrático e cada membro da equipe pôde se encaixar naquilo com o que tinha maior afinidade e interesse.

Com relação ao conteúdo propriamente dito do programa, a discussão que norteou a escolha das pautas relacionou-se, inicialmente, com um programa feminino, mas, aos poucos, ficou claro a possibilidade de não fechar o leque de assuntos somente nestas questões, para que o público pudesse ser amplo.

Para o primeiro bloco, a temática a ser debatida foi o aborto. Apesar do tema não ser novo nem inédito, o gancho que o levou para o programa foi o caso de uma menina de 9 anos, no Recife, que fez aborto de gêmeos, com autorização do Ministério Público, devido ao estupro que sofreu do próprio padrasto (IG, 2009). Uma equipe se mobilizou para encontrar alguém que tivesse praticado um aborto para dar um depoimento, mas devido à dificuldade de encontrar essa pessoa, partimos para o Sindicato das Prostitutas de Fortaleza, que ajudou na localização desta personagem. O depoimento foi gravado de forma a não identificar a pessoa, mas mostrou o caso de uma garota de programa (com um pseudônimo, sem revelar o nome verdadeiro), que praticou vários abortos. O depoimento dela serviu para ilustrar e dar o gancho para que as convidadas pudessem discutir o assunto, que ainda é uma realidade no Brasil e, na maioria das vezes, realizado de forma ilegal.

A “mulher fruta” foi o tema do segundo bloco. Através de uma matéria bem humorada, ancorada por duas repórteres, uma na feira livre e outra em uma academia de ginástica, foi contada a história da criação do termo fruta para denominar mulheres com corpos turbinados. Outras questões, como a opinião das pessoas sobre essas mulheres e, ainda, a fórmula para se transformar em uma fruta, através de muita malhação, complementaram a matéria. As debatedoras no estúdio entraram no ritmo da matéria e comentaram os prós e

---

<sup>9</sup> É o profissional que “toma conta” para que tudo esteja no lugar certo/hora certa, verifica cenários, figurinos, se está tudo confirmado com os convidados, define pautas e viabiliza toda a parte operacional do programa (POLLAKE; 2004 37).

<sup>10</sup> Neste caso trata-se do editor de texto que é jornalista responsável por elaborar a edição final de uma matéria, responsável pelo texto e imagem (PATERNOSTRO; 1999 141).

<sup>11</sup> Jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a UPJ – Unidade Portátil de Jornalismo (PATERNOSTRO; 1999 149).

<sup>12</sup> Profissional (jornalista ou radialista) condutor de um programa. Lê as várias notícias que compõem um telejornal a partir do estúdio. É o elemento de ligação, introdução e explicação da ação estúdio. Não emite opinião, expressão facial ou entonação auditiva próprias (SQUIRRA; 2004 180).

os contras desta denominação para as mulheres. Devido ao tempo de duração e ao aprofundamento do assunto pôde ser considerada uma grande reportagem

No terceiro e último bloco, os homens foram convidados a falar sobre o que acham do crescimento profissional das mulheres num “povo fala”<sup>13</sup>. De uma forma bem humorada, o repórter Rafael Cartaxo foi ao centro da cidade de Fortaleza saber a opinião dos homens sobre a idéia da mulher poder ganhar mais, pagar uma conta quando sai com seu namorado, etc. O resultado foi um VT rápido, mas com uma grande diversidade de opiniões.

A concepção da parte visual do programa foi um trabalho conjunto da equipe técnica com os alunos. Depois da escolha do nome do programa, buscou-se, através de um estudo de cores, definir uma identidade para o programa. O resultado foi a combinação de tons pastéis e rosa na composição do nome, num tipo de letra que tivesse um ar feminino. Desta forma, criou-se a logomarca do programa. Depois foi preciso agregar alguns elementos que identificassem o cotidiano da mulher arretada, não como uma imagem antiga, mas moderna, para a criação da vinheta do programa, que contou com elementos como:



A logomarca do programa

---

<sup>13</sup> A técnica consiste na mesma pergunta sendo formulada para cada entrevistado, de modo que as respostas possam ser editadas em conjunto sem que o repórter apareça (YORQUE; 1998, 100)

o símbolo do sexo feminino, uma silueta de mulher, uma marca de boca com baton, entre outros.

A local para a gravação do programa foi escolhido de acordo com as próprias características que já estavam até o momento definidas. O programa deveria apresentar um cenário visualmente limpo, utilizando cores claras e com iluminação natural. Por isso, conseguimos marcar a gravação num apartamento com vista para o mar, tendo a Avenida Beira de Fortaleza como cenário. Para contrabalancear o fundo, claro utilizamos cadeiras de cor preta. A locação foi improvisada na casa da aluna Gabriela Carvalho, que gentilmente cedeu o espaço para que gravação do programa fosse realizada.

A escolha das convidadas para o primeiro programa não foi tarefa muito fácil, e exigiu a participação de todos para conseguir reunir um grupo de mulheres que tivessem um perfil “arretado”. Entre muitos nomes e sugestões, as três escolhidas foram:

Maria da Penha Maia Fernande, biofarmacêutica residente em Fortaleza. Atualmente ela vive numa cadeira de rodas, depois ter sido agredida pelo próprio marido. Ela ficou conhecida nacionalmente porque lutou para que seu agressor fosse condenado. A lei na qual há aumento no rigor das punições às agressões contra a mulher, sancionada em 7 agosto de 2006, pelo presidente Lula, leva o nome de Maria da Penha, em homenagem a ela.

Carmen Luisa Chaves Cavalcante é jornalista e possui mestrado e doutorado em Comunicação. Atualmente é professora da Unifor e investiga temas relacionados à Comunicação e à Cultura.

Julie Gadelha é produtora de moda, promoter e DJ.

Para que todo o processo, desde a pré-produção até a finalização do programa *Arretadas*, ocorresse de forma harmônica, a divisão dos alunos nas diversas funções foi fundamental. Começamos com os produtores, que de acordo com Pollake, em programas de televisão:

Auxiliam diretamente o diretor do programa. É o profissional que “toma conta” para que tudo esteja no lugar certo/hora certa, verifica cenários, figurinos, se está tudo confirmado com os convidados, define pautas viabiliza toda a parte operacional do programa. Coordena sub-produtores, que são aqueles profissionais que fazem a parte inicial da produção: recebem solicitações de telespectadores e selecionam possíveis pautas, fazem contato com artistas e verificam a possibilidade de participação deles no programa, utilizam a internet para fazer pequenas pesquisas preliminares sobre pautas sugeridas e ainda,

durante a gravação do programa, ficam no estúdio (ou locação) como auxiliar do produtor (2004 37).

Para atender as necessidades do programa, dividimos a equipe de produção em dois grupos: o dos produtores, composto pelos discentes Carlos Renato Bezerra, Magdala Vaz Borja e Klebiana Ketty; e o dos co-produtores, os alunos Fabrícia Vieira, José Claudio Filho e Luana Rezende. Ainda na parte de produção, tivemos a aluna Clara Dourado que cuidou do Figurino e do Make –up e do making of.

Na parte de edição, tivemos a participação de dois tipos de editores, os de texto e os de imagem. A função de editor de texto geralmente é exercida por um jornalista, que faz a verificação do texto redigido pelos repórteres e das imagens produzidas pelos cinegrafistas, e depois, junto com o editor de imagens, vai montando o esqueleto do programa, para posterior edição e finalização do trabalho, até a pós-produção. A edição de texto ficou a cargo de Ingrid Freitas e a edição de imagens e montagem final do programa com o técnico da universidade Edílson Pires.

Na reportagem, contamos com três equipes, sempre formadas por um jornalista, um cinegrafista e um auxiliar. Como repórteres tivemos os discentes Gabriela Carvalho, Gabryela Fiúza e Rafael Cartaxo e na parte técnica Ewerton Silva, João Luiz Galvão, José Moreira (Pastinha) e José Valdevino Neto.

Na produção gráfica, as discentes Aline Farias e Alexandra Lozano, em parceria com artista gráfico Raimundo Nunes (Itamar), cuidaram da criação da logomarca e da vinheta do programa.

A apresentação do programa ficou a cargo da estudante de jornalismo Aline Farias, que já possuía experiência em reportagem, e estava preparada para o novo desafio. De acordo com Yorque, o surgimento do jornalista como apresentador coincidiu com as novas demandas criadas pelas mudanças na tecnologia e pela introdução de programas com formas modernas. No Brasil, o marco da entrada do jornalista como apresentador, foi a saída dos locutores e radialistas Cid Moreira e Sérgio Chapelin da apresentação do *Jornal Nacional* e a entrada de Willian Bonner e Lilian Witte Fibe, em março de 1996. “O objetivo de tal mudança foi projetar, como apresentadores, jornalistas profissionais, envolvidos com a produção de matérias. Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas” (Memória Globo).

Mas além de apresentar e seguir o roteiro do programa, o grande desafio foi fazer também a mediação do programa. Partimos da proposta de Yorque, a respeito da capacidade para conduzir uma entrevista ou um programa, quando ele propõe algumas necessidades como: “fazer a entrevista fluir; extrair o melhor que puder do entrevistado, como um dever diante do público; evitar erros gramaticais ou editoriais que não possam ser corrigidos; cobrir todo o assunto antes do tempo esgotar-se” (1998, p.149).

### **Algumas considerações**

O trabalho docente na graduação em universidades públicas e privadas tem trazido grandes desafios para mim enquanto professora, pesquisadora e profissional de comunicação. Além de toda reflexão teórica necessária para dar cabo desta proposta, existe, no caso das disciplinas práticas, a proximidade com o mercado de trabalho e com a programação da televisão em geral, porque não é possível pensar programas que não sejam viáveis economicamente e comercialmente. Isso acaba sendo um elemento importante para o processo de criação, que aqui foi descrito.

A coordenação de toda a trajetória do programa *Arretadas* trouxe mais um desafio: fazer os estudantes ousarem mais, experimentarem mais e tentarem sair do telejornalismo convencional para criar um programa híbrido, tanto na forma, quanto no conteúdo.

O programa *Arretadas* faz uma mistura de duas das categorias propostas por Aronchi para a televisão brasileira, porque se propõe a dar informação de uma forma descontraída, própria dos programas de entretenimento. Essa mescla de duas categorias se fez necessária para tentar se aproximar do público de maneira sutil e convincente.

A finalização deste projeto experimental é a prova cabal de que é possível sair do convencional. Não quero dizer com isso que “inventamos a roda”, mas que conseguimos sair do modelo convencional e fizemos um programa, no mínimo, diferente e interessante.

A questão da qualidade na televisão brasileira foi uma preocupação constante durante todo o processo desde a concepção até a realização, porque tínhamos (eu e os estudantes) em mente, de forma muito clara, quais são os

pressupostos que fazem um programa ser um exemplo de qualidade. Foi por isso que nos fixamos em todas as etapas, desde a pauta até a finalização das matérias, para que as mesmas tivessem relevância e fossem pertinentes, e que ainda estabelecessem uma relação de identidade entre a proposta do programa e o público.

Os conteúdos abordados pelo programa piloto buscaram atender as duas noções propostas por Machado, relativas ao telejornal ser opinativo ou polifônico, pois permearam momentos de opinião própria das participantes e mostraram os vários lados possíveis de uma questão, através de reportagens. Desta forma tentamos, estabelecer um equilíbrio entre a informação e a opinião, sendo que não é mais possível, hoje em dia, estabelecer uma linha divisória entre uma e outra. Isto se deve à subjetividade, que é uma característica do jornalismo contemporâneo, conforme declara Chaparro:

A crença de que o jornalismo se divide em opinião e informação tornou-se, entre os estudiosos, matriz teórica para a classificação das classes de texto (gêneros) e, entre os profissionais, uma 'verdade' de uso moralista, evocada como garantia de rigor e objetividade na informação (2003).

Para ele, não existem no jornalismo espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação. Até porque isso seria impossível tanto na dimensão do conhecimento quanto no plano dos mecanismos da linguagem.

A realização do programa proporcionou momentos de muita reflexão por parte de todos os integrantes da equipe, que a todo momento buscavam estabelecer um padrão para que o programa *Arretadas* constituísse verdadeiramente uma proposta para a televisão brasileira, como um elemento experimental, mas com características próprias e pontencial para contribuir com uma televisão de qualidade, dentro do cenário regional nordestino.

## **Referências**

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BARBEIRO, Heródoto e Lima, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. **Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez 2005.

CASTRO, Maria Lilia Dias de e DUARTE, Elisabeth Bastos (Org.). **Em torno das mídias: práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CASTRO, Maria Lilia Dias de e DUARTE, Elisabeth Bastos (org.) **Televisão – entre o Mercado e a Academia** - 1ª Edição. Sulina, 2006.

CHAPARRO, Maunel Carlos. **Opinião & Informação**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp29072003996.htm> (data de acesso 25 de fevereiro de 2010).

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro 2002.

MACHADO, Arlindo. As vozes do telejornal. In: \_\_\_\_\_ **A Televisão Levada a Sério**. Editora SENAC, 4ª edição, São Paulo, 2005. p. 99-123.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

POLLAKE, Karla. Como fazer um projeto de produção para TV, in: **Cadernos Didáticos Metodista RTV – Rádio e TV 1**. São Bernardo do Campo, Metodista, 2004.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo – produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

YORQUE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2009/03/06/menina+de+nove+anos+que+fez+aborto+ja+esta+em+um+abrigo+publico+4556234.html> (data de acesso 20 de fevereiro de 2010).

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYNo-5273-239077,00.html> (data de acesso 20 de fevereiro de 2010)